

## ARTIGO

# Diálogos entre ficção e teoria

## Dialogues between fiction and theory

Beth Brait Mariana Vera Cruz Pereira 

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mails: [bbrait@uol.com.br](mailto:bbrait@uol.com.br); [professoramarianaveracruz@gmail.com](mailto:professoramarianaveracruz@gmail.com)

**RESUMO:** Arte e ciência, teoria e criatividade são, sem dúvida alguma, formas do pensar e perceber o mundo, de produzir conhecimento sobre a existência, os seres, as linguagens, a vida. O diálogo entre elas, entretanto, nem sempre se dá de maneira tranquila. Considerando essa questão, assim como a teoria dialógica da linguagem, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir a incorporação dessa perspectiva, e um de seus principais pensadores, pela ficção, pela arte. O *corpus* delimitado para o estudo compõe-se três enunciados, sendo um americano e dois brasileiros: *Smoke*, filme de Wayne Wong e Paul Auster, produzido por Greg Johnson, Peter Newman, Kenzo Horikoshi e Hisami Kuroiwa (EUA, 1995); *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!*, crônica produzida por um brasileiro especialista em Bakhtin, mas atribuída a Piotr Afasinovitch Brazinov/Universidade Estatal de São Petersburgo (2012); e *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!*, de autoria da professora do ensino fundamental Maria da Penha dos Santos de Assunção (2022). Eles serão analisados considerando que, ao fugir do padrão acadêmico tradicionalmente encarregado de mobilizar o pensamento de Bakhtin e o Círculo, eles projetam a discursividade teórica para o universo estético, comprovando a hipótese de que arte e ciência podem estabelecer inesperados e produtivos diálogos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção; Teoria; Bakhtin e o Círculo; Análise dialógica do discurso

**ABSTRACT:** Art and science, theory and creativity are, without a doubt, ways of thinking and perceiving the world, of producing knowledge about existence, beings, languages, and life. The dialogue among them, however, is not always smooth. Considering this point, as well as the dialogic theory of language, the aim of this article is to present and discuss the incorporation of this perspective, and one of its main scholars, by fiction, by art. The delimited *corpus* to this study is composed of three utterances, one of them is American and two are Brazilian: *Smoke*, a film by Wayne Wong and Paul Auster, produced by Greg Johnson, Peter Newman, Kenzo Horikoshi and Hisami Kuroiwa (USA, 1995); *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!* [Bakhtin: at Last All Truth Revealed], a chronicle produced by a Brazilian expert on Bakhtin, which was attributed to a Piotr Afasinovitch Brazinov/State University of San Petersburg (2012); and *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!* [Do We Have Bakhtin Today? Yes, Indeed!], produced by a basic school teacher, Maria da Penha dos Santos de Assunção (2022). These utterances will be analyzed considering that, on escaping academic patterns traditionally responsible for mobilizing the thought of Bakhtin and the Circle, they project the theoretical discursivity to the aesthetic universe, confirming the hypothesis that art and science can establish unexpected and productive dialogues.

**KEYWORDS:** Fiction, Theory, Bakhtin and the Circle; Dialogic Discourse Analysis

## COMO CITAR

BRAIT, Beth; PEREIRA, Mariana Vera Cruz. Diálogos entre ficção e teoria. *Revista da Anpoll*, v.54, n.1, e1829, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1829>



## 1 Considerações iniciais

Em 1959, mais exatamente no dia 7 de maio de 1959, Charles Percy Snow (1905-1980), cientista, especialista em física e química, ensaísta e também escritor de ficção (*Strangers and Brothers* (1940), *The Masters* (1951), *The New Men* (1954), *The Affair* (1960), *Corridors of Power* (1964), *Last Things* (1970, dentre outras obras) proferiu, na Senate House da Cambridge University a Rede Lecture, a conferência “The Two Cultures” [As duas culturas], que no mesmo ano desdobra-se na publicação *The Two Cultures and the Scientific Revolution* (SNOW, 1959). A discussão por ele proposta, basicamente mostrando o que ele entendia como as causas da separação entre cientistas e literatos/intelectuais, entre ciência e ficção, uma vez que ele frequentava os dois mundos acadêmicos, causou uma polêmica tão grande (NUNES, 2021) que, se acontecesse na atualidade, diríamos que *viralizou*. Em 1963, afetado pelas críticas, ele retoma a questão, publicando *The Two Cultures: A Second Look* (SNOW, 1963), *As duas culturas e uma segunda leitura* (1995/2015) na tradução brasileira.

Essa pertinente questão, que talvez não tenha sido discutida de forma adequada por C. P. Snow, mas que foi desnudada por ele e continua válida se pensarmos, por exemplo, no debate que ainda hoje acontece em relação aos financiamentos destinados às ciências humanas em relação às chamadas ciências duras, ou mesmo as divisões existentes entre estudos linguísticos e estudos literários, para aproximar a questão do nosso campo, constataremos que, de diferentes maneiras, ela permanece, para o bem e para o mal. No caso positivo, que parece ser o mais animador, evocamos aqui o emblemático encontro entre o poeta e tradutor Haroldo de Campos (1929-2003) e o físico, educador, professor Sênior do Instituto de Física e Coordenador Acadêmico da Cátedra de Educação Básica do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Luís Carlos Menezes, acontecido em 20 de junho de 1995 (CAMPOS & MENEZES, 1995).

Ao acessar o evento (<https://www.youtube.com/watch?v=eAexnQYN9qo>), o leitor terá a oportunidade de conhecer a genética relação existente entre artes e ciências e, mais especialmente, entre poesia e ciência, as quais foram tematizadas a partir do conceito físico-filosófico de *acaso*, dominado pelos dois participantes. Se no caso de Menezes o fato de ser físico explica o profundo conhecimento do tema, exposto, por exemplo, em sua obra *Lições do acaso* (2009), no que se refere a Haroldo de Campos, a familiaridade se dá, de forma especial, mas não exclusiva, por meio de sua obra *A máquina do mundo repensada* (CAMPOS, 2000), na qual ele traz a ciência como protagonista do texto poético. Ao longo do encontro, o diálogo é pontuado pela força que o poeta coloca na Física e que o físico coloca na Poesia, de forma que o trânsito pelos dois campos do conhecimento vai revelando a interferência da visão poética, estética do mundo, nas formas de ser da Física e da Física nas formas de ser da Poesia. “Desde Niels Bohr [1885-1962], temos a física da grande harmonia, baseada muito mais na percepção estética do que na intervenção na natureza”, afirma Menezes (CAMPOS; MENEZES, 1995, n. p.). Haroldo, por sua vez, lembra que “Einstein [1879-1955] primeiro pensava em imagens em movimento antes de elaborar teorizações matemáticas”. (CAMPOS; MENEZES, 1995, n. p.).

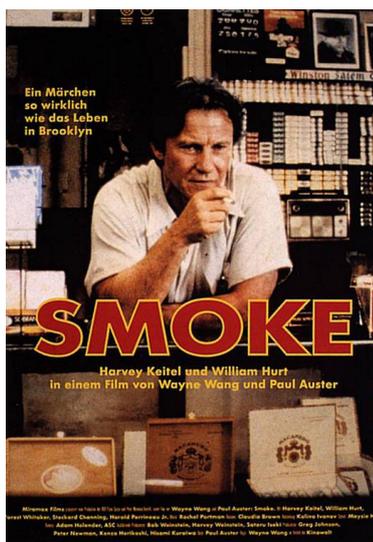
Diferentemente de Snow, portanto, a dicção poético-científica de Campos e Menezes resgata, no âmbito do fazer que caracteriza cada um deles, os contatos, a grande proximidade existente entre a poesia e a física, a arte e a ciência, a criação e a teoria, discutidas enquanto instâncias do pensar o mundo, do produzir conhecimento.

Considerando a questão acima apresentada, assim como as formas de recepção do filósofo e teórico da linguagem artística e não artística, Mikhail Bakhtin (1895-1975), no Ocidente em geral e no Brasil em particular, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir a singularidade de três textos ficcionais, um americano e dois brasileiros, que fogem ao padrão acadêmico tradicionalmente encarregado de mobilizar as formas de produção de conhecimento do pensador russo, projetando sua condição de produtor de discursividade teórica, tanto no campo linguístico como no literário, para o estatuto de *personagem*. São eles: *Smoke*, filme de Wayne Wong e Paul Auster, produzido por Greg Johnson, Peter Newman, Kenzo Horikoshi e Hisami Kuroiwa (EUA, 1995); *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!*, crônica produzida por um brasileiro especialista em Bakhtin, mas atribuída a Piotr Afasinovitch Brazinov/Universidade Estatal de São Petersburgo (2012) e *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!*, da professora do ensino fundamental Maria da Penha dos Santos de Assunção (2022).

A recorrência a um estatuto ficcional do pensador apresenta, nas três obras, o reconhecimento e a mobilização de significativos aspectos da teoria bakhtiniana, refletida e refratada na urdidura de cada um dos textos. Longe do que poderia ser considerado apenas um aspecto pitoresco, essas três formas de trazer Bakhtin e sua concepção de mundo e de linguagem para a cena artística demonstram a produtividade de seu pensamento, de suas reflexões para além dos gêneros acadêmico-científicos que o consagraram, assim como aos demais membros do Círculo.

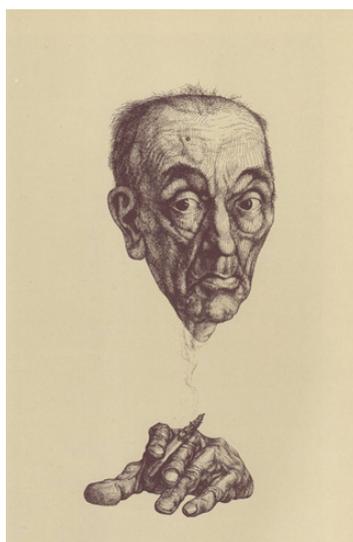
## 2 No exílio, Bakhtin fumou um livro inteiro

Para apresentar e discutir a referência a Bakhtin no filme *Smoke* (Figura 1), retomamos, com cortes e modificações, alguns trechos das considerações feitas por Brait (1996, p.69-92). A questão que mobilizou o estudo dos anos 1990 retorna aqui em função dos outros dois textos escolhidos (2012; 2022): “Que sentido teria o nome de Mikhail Bakhtin (Figura 2) aparecer no filme *Smoke*, que no Brasil se chamou *Cortina de fumaça* (Figura 3)?



**Figura 1** – Cartaz

Fonte: <https://filmow.com/cortina-de-fumaca-t2443/>



**Figura 2** – Desenho

Fonte: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/51261>



**Figura 3** – Cartaz

Fonte: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/cortina-de-fumaca/>

Naquele momento, 1995, acontecia o centenário de Bakhtin que, aqui no Brasil mereceu um encontro científico internacional intitulado *Colóquio Internacional – Dialogismo: Cem Anos de Bakhtin*, promovido pelo Departamento de Semiótica Linguística Geral da USP, nos dias 16, 17 e 18 novembro de 1995, realizado no Centro Universitário Maria Antonia/USP/São Paulo. É pouco provável (mas não impossível) que essa efeméride motivasse a inclusão de um dos fundadores do dialogismo nessa narrativa bastante sofisticada, mas destinada ao grande público e não a eslavistas e analistas de discurso. Como o filme é um belíssimo exemplo do artístico politicamente incorreto no que diz respeito ao fumo, parece mais verossímil que um dos envolvidos com a produção tenha tido acesso a dados biográficos de Bakhtin, e tenha tomado conhecimento do grande fumante que ele foi, assim como à versão de que, em 1942, ele teria fumado na íntegra um de seus originais, já que dispunha de fumo, mas não de papel.

Assistindo ao filme, entretanto, nos damos conta de que a menção não é fortuita e nem se limita ao episódio em que aparece. Os conhecedores de Bakhtin e sua concepção de mundo e de linguagem, ao ouvir seu nome, citado pela personagem de William Hurt, não podem evitar o reconhecimento, ao longo da narrativa, de elementos que se articulam dialogicamente, apontando para conceitos advindos do pensamento bakhtiniano. Nesse sentido, há vários aspectos, dos quais destacaremos alguns. Um deles diz respeito às 4.000 fotos que a personagem Auggier Wren, vivida pelo ator Harvey Keitel, fez durante 13 anos da esquina de sua tabacaria, sempre no mesmo horário, e que ele insiste em afirmar que, sob a aparência da identidade, as fotos são essencialmente diferentes. Sem dúvida, essa construção de enunciados concretiza uma das mais importantes premissas do arcabouço bakhtiniano: ainda que a partir de um mesmo lugar, com o mesmo aparato linguageiro (no caso visual), um sujeito não realiza duas vezes a mesma enunciação, não repete o mesmo enunciado. Uma análise das fotos, enquanto captura de um espaço-tempo, revelará, em sua sintaxe visual, nuances de cor, de luz, de posicionamentos, dentre outros filigranas semiótico-discursivos, elementos que, pela combinatória, desvelam identidades (no plural) constituídas na diversidade cronotópica. Ao mesmo tempo, pensadas/vistas/analizadas como conjunto, apontam para um projeto discursivo visual (fotográfico) apropriado semanticamente pela arquitetura fílmica.

Outro aspecto interligado à perspectiva bakhtiniana diz respeito à articulação absolutamente original de um conjunto de sequências melodramáticas com final feliz, de clichês, que expostos por uma narrativa trivial perderiam a dimensão humana, a veracidade e a verossimilhança alcançadas nesse filme. Há, por exemplo, o escritor que deixou de escrever desde que a mulher grávida foi morta por uma bala perdida e que, no final, reencontra seu caminho; há o adolescente negro, cuja mãe morreu quando ele era pequeno, que foi criado pelos tios e que aos dezessete anos reencontra o pai, um ex-alcóolatra, agora pai de família, trabalhador; há uma senhora idosa cega e solitária que passa o Natal com um caridoso desconhecido; há o obsessivo fotógrafo, cuja mulher retorna, após dezoito anos, para pedir dinheiro para ajudar uma filha que ele ignorava. E assim por diante.

A enumeração feita acima dá ideia das matrizes culturais utilizadas no filme, provocando a pergunta: o que há de particular nessa narrativa fílmica a ponto de possibilitar uma nova maneira de ver e ressignificar um clichê, algo tantas vezes mobilizado? Sabemos que um dos elementos caracterizadores do percurso reflexivo de Bakhtin é o fato de ele procurar diferentes respostas para as mesmas perguntas, muitas delas provocadas por relações entre *eu e o outro*, por fronteiras entre enunciados, por limiares discursivos. No enunciado fílmico,

sob uma nova combinatória, sob a aparência do mesmo, emerge a realidade da diferença, consideradas as relações entre o dado e o criado, arte e cultura, entre ser humano e linguagens, temas teoricamente tratados por Bakhtin ao longo de sua vida.

Nesse sentido, tanto no gesto fotográfico obsessivamente reiterativo, como na combinatória de gêneros constituídos pela inusitada instauração de clichês, a inovação estética e o consequente redimensionamento do sentido e dos efeitos de sentido se dá a partir de materiais à primeira vista cristalizados. O filme *Smoke* poderia ser um motivo para discussão estética empreendida por Bakhtin em seu complexo ensaio de 1924 “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (BAKHTIN, 2010). A menção ao nome de Bakhtin é o elo metonímico e deflagrador da relação arquitetonicamente armada entre teoria e ficção, criadores e criaturas, linguagens, vida e arte.

### 3 Bakhtin e seus fantásticos duplos

Em 2012, sob o pseudônimo de Piotr Afasinovitch Brazinov, suposto professor /pesquisador da Universidade Estatal de São Petersburgo, foi publicado o texto com um título bastante provocativo: *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!* (BRAZINOV, 2012). Sua leitura requer uma certa familiaridade com publicações envolvendo as chamadas obras disputadas do Círculo, assim como as razões para a ironia e a agressividade do enunciador em relação à indústria criada em torno dessa questão.

Até gente que não sabe um jota de russo encontrou elementos estilísticos para “provar” que os textos eram só de Bakhtin ou só de Voloshinov ou só de Medviédev. Quando a URSS evaporou e os arquivos começaram a ser abertos, uma nova moda passou a ser muito recorrente: a referência a “novos” documentos (vistos, convenientemente, apenas por seus “descobridores”) que provam isto, isso e mais aquilo. (BRAZINOV, 2012, p. 11)

Dentre os vários estudos, um deles empreendeu a desqualificação total de Bakhtin (BRONCKART; BOTA, 2011), pretendendo-se a última palavra em relação ao autor e à questão da autoria. Até por seu léxico (“mentiroso”, “fraude”, delírio coletivo), surpreendeu os especialistas e provocou respostas diretas, respeitadas mas precisas (*Bakhtiniana*, 2014, v. 9) e, dentre elas, o texto de “Brazinov”, pseudônimo *ad hoc* de um dos principais estudiosos brasileiros de Bakhtin e do Círculo, reconhecido nacional e internacionalmente<sup>1</sup>. Distante do objetivo de responder direta e academicamente à obra pretensamente séria, o enunciador desmonta, pela ironia corrosiva e sarcástica, a biografia desqualificadora, parodiando a desqualificação e compondo um Bakhtin delinquente profissional, desde a infância:

[...] Finalmente a verdade aparece de modo cristalino. E ela vai muito além do que o mais engenhoso dos acadêmicos poderia imaginar.

Recentemente foram abertos os arquivos dos escritórios da NKVD (antecessora da KGB) da então Leningrado e a verdade dos fatos emergiu aos borbotões. Vamos a eles!

---

<sup>1</sup> Não colocaremos o nome do verdadeiro autor do texto, mantendo a autonomia e integridade da ficção em pauta.

Ficamos sabendo que Bakhtin abandonou a escola aos 9 anos e se misturou às gangues de meninos de rua de Odessa, praticando, de início, pequenos roubos, mas logo aterrorizando as pessoas e cumprindo ordens dos chefões do contrabando e do crime organizado daquele famoso porto do Mar Negro.

[...]

Ficamos sabendo também que Bakhtin batia sistematicamente na mulher e a obrigava a dizer a todos os vizinhos que seu marido era um gênio, líder de um grupo de respeitáveis intelectuais e assessor direto do Ministro da Cultura da URSS. (BRAZINOV, 2012, p. 12-14)

O rocambolesco enredo, hilariante para quem conhece as obras e a recepção do pensador russo, mistura os espaços relacionados a Bakhtin, com clichês russos-soviéticos ligados à criminalidade, à falta de caráter, desenhando uma execrável personagem, supostamente advinda de documentos encontrados por fontes *oficiais*. Como toda a ficção estereotipada (objetivo do autor), aqui também se chega ao clímax, ao ponto em que, mais diretamente, a “verdade” sobre a questão da autoria se resolve “definitivamente”:

[...] Bakhtin descobriu que o jardineiro do Instituto Smolny, um aristocrata poliglota, de fina formação, que havia estudado na França e na Alemanha, passava as noites escrevendo. Bakhtin, então, o engambelou com promessas de fuga para o exterior. Disse ao jardineiro que levaria seus inúmeros manuscritos para serem avaliados por insuspeitos intelectuais que, segundo ele, tinham contatos fora da Rússia e conseguiriam publicar os textos no exterior, o que poderia facilitar uma eventual fuga do jardineiro para a Alemanha.

Bakhtin se apropriou, assim, de inúmeros manuscritos de filosofia, linguística e teoria literária [...]. Vendeu alguns desses manuscritos a seus “amigos”, que, recheando, oportunisticamente, alguns dos textos com retórica marxista, logo os publicaram como artigos científicos e mesmo livros.

O jardineiro descobriu [...] um desses livros e [...] cobrou de Bakhtin uma explicação. Bakhtin, então, o assassinou friamente. Foi preso, mas o julgamento foi secreto e sumário e a pena, um “exílio” no Cazaquistão [...]. (BRAZINOV, 2012, p. 14-15)

O enredo não acaba aí. Continua paródica e criativamente nos rastros da carreira de Bakhtin, de seu exílio e de seu fictício assassinato, juntamente com sua mulher, no Cazakistão, tendo as identidades transferidas “para um professor secundário de província e sua esposa, ambos agentes antigos da polícia secreta” (BRAZINOV, 2012, p.16) [...] “Quando, no início dos anos 1960, professores da Universidade de Moscou “descobriram” que Bakhtin ainda vivia, a polícia deu a seu agente todo apoio para poder enganá-los” (BRAZINOV, 2012, p.16). Nem mesmo as entrevistas recolhidas por pesquisadores deixam de se encaixar no perfil fraudulento da personagem:

Como era um farsante inveterado, o falso Bakhtin recebeu em sua datcha várias pessoas (sempre acompanhadas de um agente da KGB) para entrevistas em que ele falava horas a fio numa voz rouca inaudível e incompreensível. O agente da KGB sempre se oferecia para fazer a transcrição [...]. Colava, então, abaixo de cada pergunta, textos dos manuscritos do jardineiro ainda de posse da polícia secreta. (BRAZINOV, 2012, p. 17)

Dado o grau de exacerbada carnavalização, a narrativa, como um duplo biográfico de seu alvo, reivindica a última palavra e atesta sua “fonte”:

Quem sabe agora, com o fim do mistério e com o fim da exploração do tema da autoria pela mediocridade acadêmica, as pessoas voltem a ler os textos e a se concentrar nas ideias densas e heurísticamente poderosas daquele genial jardineiro do Instituto Smolny. (Publicado no jornal *Literaturnaia Izvestia*, vol 32, n. 2, nov. 2011, p. 37-39. Tradução para o português pelo professor Joaquim Manuel Ferreira de Almeida Sampaio, da Universidade Nova do Algarve.) (BRAZINOV, 2012, p. 18)

Enquanto criador da hiperbólica personagem, *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!* expõe duplos construídos em torno da questão da autoria, circunscritos a um *suposto* sujeito empírico. A carnavalização, conceito magnificamente talhado por Bakhtin para expor o avesso empreendido de maneira ficcional, na versão de Brazinov acrescenta mais um duplo aos já existentes. E isso é feito a partir de sua paródica configuração como gênero sério-cômico: “A cosmovisão carnavalesca, que penetra totalmente esses gêneros, determina-lhes as particularidades fundamentais e coloca-lhes a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade” (BAKHTIN, 2015, p. 122).

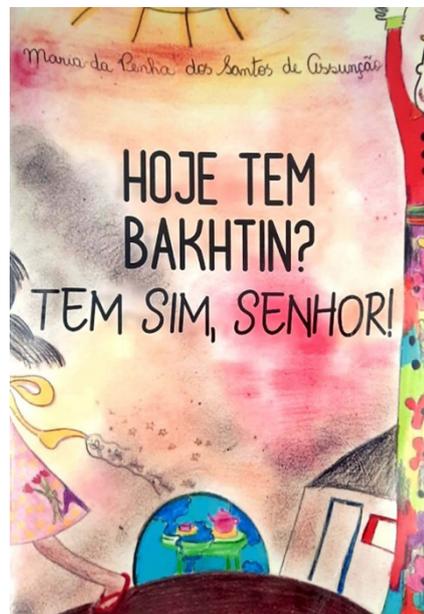
Se a questão da autoria foi importante, os estudos que se desenvolveram mais recentemente em arquivos (VOLÓCHINOV, 2017) estabeleceram o que o final de *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!* ironicamente reivindica: a leitura das obras de Bakhtin e do demais membros do Círculo. O conjunto demonstra as diferenças autorais, assim como fortes semelhanças em torno da concepção de mundo e de linguagem. A ficcionalização assumida, portanto, expõe meandros de um *imaginário* que circulou travestido de teoria, lançando mão do arcabouço dialógico.

## 4 Bakhtin nas estrepolias da sala de aula

A obra *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!* (Figura 4), que de imediato desperta a curiosidade dos estudiosos do pensador russo, foi escrita e ilustrada por Maria da Penha dos Santos de Assunção, professora do ensino público capixaba. Parodiando um clássico bordão circense (“Hoje tem marmelada? Tem sim, senhor! Hoje tem goiabada? Tem sim, senhor!”), o título estabelece, ao mesmo tempo, uma inusitada relação entre o pensador russo e o circo e, enquanto enunciado pergunta-resposta, instaura a *interação eu-outro*, conceito fundante do pensamento dialógico que, assim como os demais conceitos surpreendidos nas obras anteriormente analisadas, terá importante papel na tessitura de personagens, enredo, temas mobilizados e, especialmente, na construção do conhecimento em sala de aula.

O circo, sendo uma das formas da cultura popular, tema de grande interesse de Bakhtin, expresso especialmente na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1987), e objeto de muitos estudos contemporâneos (BARONI, 2006; COELHO; MINATEL, 2011; SOUSA JUNIOR, 2009), pode ser compreendido como um espaço itinerante, em geral coberto e desmontável, que oferece divertimentos que remontam à Roma antiga. Apesar das mudanças cronotópicas que o caracterizam, há elementos emblemáticos que permanecem e alimentam o forte imaginário ligado às artes circenses. Esse é o caso da lona colorida, do picadeiro, das arquibancadas e, especialmente, do conjunto de artistas –palhaços, malabaristas, equilibristas,

mágicos, contorcionistas, bailarinas, atores etc.– com as mais diferentes especialidades, em geral ligadas às artes do corpo, que continuam encantando o público.

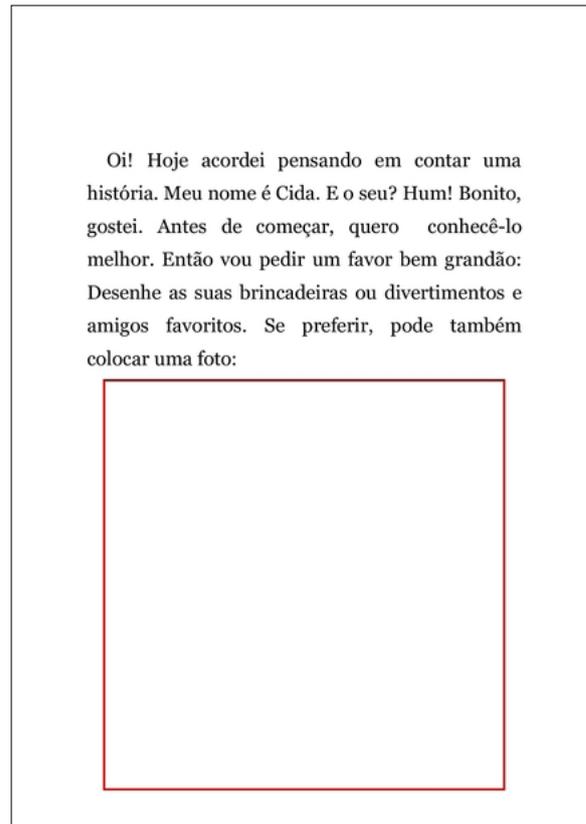


**Figura 4** – Capa  
Fonte: ASSUNÇÃO, 2022, capa

Talvez seja esse imaginário vivo, repleto de proezas, cores e fantasia, o aspecto que estabelece o forte elo entre circo e educação, motivando essa obra de Maria da Penha dos Santos de Assunção. Graduada em Pedagogia, especialista em História do Espírito Santo, mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, doutoranda em literatura, apaixonada pelo pensamento bakhtiniano, a autora dedica-se particularmente à alfabetização, oferecendo a seus alunos experiências inusitadas para que desenvolvam um pensamento crítico, lançando mão não apenas de textos dos mais variados autores e gêneros, mas, também, de várias artes e linguagens.

É com essa visão de ensino-aprendizagem que Maria da Penha traz para a sala a combinação Bakhtin e o circo. As páginas do livro absorvem e mobilizam tanto o filósofo e teórico russo da linguagem como o imaginário colorido do circo, representado de maneira especial, mas não exclusiva, pela figura do palhaço. Alunos e professora protagonizam, com o pensador e o artista circense, eventos escolares em que a arte da palavra, oral e escrita e a linguagem visual, incluindo desenhos, fotos e diferentes fontes, constroem, verbo-visualmente, conhecimento coletivo em dimensão ética, estética e cognitiva.

Questões que dizem respeito à política brasileira, e suas implicações na educação pública do país, adentram a ficção, provocando reflexões sobre o ensino e aprendizagem de língua, de linguagens em sua forte relação com a vida. As temáticas são trazidas por meio de jogos entre ficção e realidade, linguagem e metalinguagem, ficção e teoria, palavra e imagem, narrador e leitor, espaço escolar e espaço circense. Desde a primeira página (Figura 5), o conceito dialógico de *interação* é efetiva e imediatamente mobilizado, como se observa na singular relação verbo-visual que a narradora estabelece com o leitor:



**Figura 5** – Início da narrativa

Fonte: ASSUNÇÃO, 2022, p.7

Esse enunciado verbo-visual provoca e abre espaço para acolher uma possível resposta do interlocutor, configurando-se como um gesto que inclui o leitor na história, dando continuidade à pergunta-resposta presente no título. A partir daqui, tem continuidade o diálogo entre dois sujeitos discursivos: o que narra e o que lê. Mesmo sem pretender aprofundar a discussão teórica, é impossível não enxergar, nessa estratégia narrativa, a dimensão *responsiva* implicada nas teorias do Círculo, confirmando a ideia de que os conceitos se concretizam em constante interrelação. O processo se reitera na página seguinte, quando a narradora convida o leitor a fazer parte de seu grupo e apresenta, também verbo-visualmente, sua amiga Maria da Penha dos Santos Assunção “[...] mas pode chamá-la de Peinha. Ela é um pouco parecida com a foto. Dê só uma olhadela” (ASSUNÇÃO, 2022, p.8). A possibilidade de leitura do visual como signo ideológico, como enunciado que se diferencia da pessoa que representa, coloca em tensão produtiva a foto da personagem (autora) Peinha e a leitura verbalizada que Cida faz do enunciado visual, confirmado que:

[...] a articulação verbo-visual, tecida na instância de produção, funciona, deliberadamente, como projeto de construção de sentidos, de efeitos de sentido, quer lógicos, ideológicos, emocionais, estéticos ou de outra natureza, entretidos por um *diálogo face a face* em que alteridades, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades. (BRAIT, 2013, p. 43)

A dimensão verbo-visual está fortemente concretizada na obra, enquanto criação e enquanto discussão, conferindo às linguagens não verbais, aos signos não verbais, um papel fundamental na produção de sentidos:

[...] quando alguém quer fazer um diálogo e dar mais sentido às palavras, usa roupas para apresentar conversas de macaco, urso [...]. As roupas podem ter um valor semiótico. Quando estão fechadas dentro do armário, são apenas objetos dobrados, caladinhos. Quando as professoras as vestem nas crianças...Hum. Elas começam a tagarelar. (ASSUNÇÃO, 2022, p. 23-24)

E a isto se associam, do ponto de vista educacional, as dinâmicas de contação de histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental, presentes na narrativa. O que a criança fala e ouve é tão importante quanto o que ela vê para a produção de sentidos, de conhecimento, de prazer. As roupas, as posturas e as cores constituem planos de expressão articulados. E isso se dá, por exemplo, no momento do teatro organizado pela professora Peinha, com as roupas do ateliê circence, incentivando as crianças a produzirem uma carta dirigida ao palhaço Perna de Pau, o que motiva uma a resposta escrita do artista. Na longa resposta, escrita em duas fontes diferentes e com desenhos que parodiam santinhos de candidatos (ASSUNÇÃO, 2022) é possível perceber o fenômeno linguístico na compreensão de Bakhtin, alusões à política brasileira, aos sistemas de ensino, às relações entre adultos e crianças, além dos costumes brasileiros no decorrer dos anos, formando um conjunto de signos, de enunciados que serão julgados pelos leitores a partir de diferentes perspectivas ideológicas. A personagem Bakhtin, pela voz da narradora, dirige-se à professora considerando que a brincadeira se tornou um diálogo amplo, com alternância entre os sujeitos e exposição de seus diferentes posicionamentos.

As referências a valores e experiências prévias, construídas em diversos grupos sociais, remete à ideia de Volóchinov de que a consciência individual “é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97), de modo que é na coletividade que surgem e movimentam-se os sentidos. Ao longo da narrativa, a narradora Cida acompanha a professora Peinha e sua turma na rotina escolar, fazendo observações e questionamentos ao leitor a respeito da percepção da sociedade em relação à criança, à linguagem utilizada por políticos, à aprendizagem de língua e seus sentidos. Desse modo, os jogos entre ficção e realidade, vida e linguagem, foto e pessoa, escola, literatura e ensino vão se concretizando.

Enquanto personagem da ficção em andamento, Bakhtin adentra o universo artístico escolar de diferentes maneiras, presentificado pela voz da narradora, desvelando conceitos como *dialogismo*, *semiose*, *texto*, *signo ideológico*, *relações dialógicas*, *valor semiótico*, dentre outros, sempre integrados ao enredo, aos acontecimentos da vida escolar, do ensino-aprendizagem.

Eu estava sentada na rodinha quando vi Bakhtin saindo do livro para conversar sobre duas crianças que estavam chorando um tantão [...]. Peinha já estava apreensiva sem saber o que fazer. Rapidamente Bakhtin disse que a respiração e o choro das pessoas têm um “sentido”, são um texto. Tudo que acontece no organismo, dentro e fora das pessoas, é um material com valor semiótico porque o lado de fora e o lado de dentro conversam sempre. Isso se chama dialogismo. [...] tudo o que existe pode ter um valor semiótico. Palavras, sentimentos, objetos, respiração, som, silêncio, cor... [...]. Um texto oral, gesto visual ou escrito. [...] Crianças entendem isso muito bem, porque conversam até com os dedos dos pés. Dão alma às unhas. Acho isso bonito demais. (ASSUNÇÃO, 2022, p. 12)

A perspectiva dialógica da linguagem tem sido mobilizada na esfera educacional, tanto na práxis docente como na produção de materiais didáticos e em documentos oficiais. *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!*, entretanto, inaugura uma maneira irreverente e criativa de mobilizar a teoria. A ficção permite que um conjunto complexo de pensamentos e ideias sobre dinâmicas discursivas alcance as crianças, por meio da ludicidade incorporada à sala de aula, levando à compreensão menos ingênua das linguagens e de seus sujeitos, vivificando os conceitos do Círculo no trânsito entre a realidade e a fantasia, imaginação infantil, cotidiano político e pedagógico.

O trabalho com o próprio nome é basilar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na medida em que é um processo que envolve sistema de escrita, repertório de letras, constituição de fonemas e grafemas e, ainda, a formação da identidade e do reconhecimento do indivíduo, implicando a diferenciação simbólica entre *eu-outros*. Ele está presente na interação narradora/leitores/alunos/personagens, motivando sua autopercepção via nome/palavra, corpo/desenho/foto. Se na narrativa isso se dá de maneira lúdica, leve, artisticamente elaborada, por trás está a dicção bakhtiniana que alimenta a construção interativa, individual e coletiva do conhecimento:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. Os elementos de infantilismo da autoconsciência (“Será que um tipo assim mamãe amava...” às vezes permanecem até o fim da vida (a concepção e a noção de mim mesmo, do meu corpo, do meu rosto e do passado em tons carinhosos). (BAKHTIN, 2003, p. 373-374)

A relação espaço-tempo (cronotópica), também um conceito fundante do pensamento bakhtiniano, está salientada em vários momentos do livro, surpreendendo memórias de infância, personagens e ambientes dos 1970, alusões a fatos da história do Espírito Santo, entrelaçados ao cotidiano escolar enquanto produtor de conhecimento adequado às crianças, seus afetos, sua imaginação. A bala Getulinho evoca a história ditatorial brasileira dos anos 30 e dos anos 70, assim como a íntima relação entre o Espírito Santo e o Estado Novo (ARAÚJO, 2001), dentre outros elementos que dão à narradora a oportunidade de lembrar que “Silêncio também é palavra, é texto” (ASSUNÇÃO, 2022, p. 19).

A obra como um todo está tecida pelo caráter dialógico da linguagem, enfatizado nas relações entre os sujeitos e os processos discursivos. A criança, o linguista e o professor são sujeitos que resgatarão elementos do mesmo texto de modo distinto. As referências a métodos de alfabetização ao longo dos anos, a invisibilidade dos anseios infantis e os conceitos bakhtinianos, explícitos e implícitos, formam um entrelaçamento de discursos que suscitam diferentes apreensões de sentido.

*Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!* é uma obra original, de interesse tanto dos estudiosos da linguagem como dos profissionais de ensino e aprendizagem, justamente por inovar na abordagem de concepções bakhtinianas em sala de aula, incluindo a participação ativa dos discentes no planejamento e execução das atividades. A autora utiliza sua experiência como professora, negra, conhecedora das realidades periféricas, para mobilizar a vasta e complexa bibliografia de

Bakhtin e o Círculo em uma narrativa envolvente, repleta de criticidade, humor e criatividade na maneira de articular teoria e ficção. As vivências narradas, que superpõem a sala de aula às páginas do livro, instigam o leitor a observar a linguagem em movimento, expondo discursos e sujeitos nas tramas da sociedade, da cultura, da arte e do importante papel da escola.

Aparentemente direcionada ao público infantil, *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!* recorre ao faz de conta de inspiração circense e à prática escolar cotidiana para enredar o leitor na teoria, desconstruindo a ideia de aplicação de conceitos dialógicos ao ensino. Não há aplicação: há mobilização criativa. Cabe destacar que não há outra obra dessa natureza que trate dos conceitos de Bakhtin por meio de narrativa infantil, dialogando com a história do país, descortinando projetos políticos e pedagógicos bem como suas consequências sociais e ideológicas.

## 5 Considerações finais

A ideia aqui discutida dos diálogos possíveis entre ficção e teoria, tendo Bakhtin e a perspectiva dialógica como centro da pesquisa empreendida, partiu de um filme americano, inspirado na condição de fumante inveterado do pensador russo, passou pela crônica de um estudioso, empenhado em desconstruir fantasiosas teorias sobre autoria e o Círculo, e aportou em uma obra literária que coloca, de fato, Bakhtin na sala aula.

Em cada uma dessas três obras de ficção, Bakhtin entra não como personagem secundária, mas como pensamento teórico-filosófico, que vai assumir-se e apresentar-se esteticamente, protagonizando projetos discursivos, por meio de conceitos fundantes da teoria dialógica, os quais parecem escapar furtivamente do universo teórico para urdir o universo artístico.

Sem colocar a teoria em primeiro plano, razão pela qual nos limitamos a um mínimo necessário de citações teóricas, destacamos elementos que confirmam nossa hipótese de possibilidade de produtivos diálogos entre ciência e arte. Considerando a singularidade de cada texto escolhido como *corpus*, apontamos no filme *Smoke*, as relações entre identidades necessariamente constituídas na alteridade, a carnavalização e o sério cômico em *Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!!*, e a interação linguagem-vida em *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!*

As teorias são evocadas como lentes que possibilitam melhor compreensão de enunciados artísticos ou cotidianos. Nesta pesquisa, entretanto, a perspectiva dialógica da linguagem, um de seus pensadores e importantes conceitos que a singularizam axiologicamente constituíram-se enquanto protagonistas de três enunciados artisticamente arquitetados. Em todos eles, a dimensão ética, estética e cognitiva do pensamento bakhtiniano, em diferentes níveis, esteve presente como pilar da criatividade fílmica e literária.

## AGRADECIMENTOS

Beth Brait agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ 1A), processo 307028/2018-6, e Mariana Vera Cruz agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Doutorado, processo 41099/2022-4, que tornaram esta pesquisa possível.

**REFERÊNCIAS**

- ARAÚJO, Leonor. O Espírito Santo na ditadura Vargas: educação e autoritarismo. Universidade Federal do Espírito Santo – Departamento de História. *Dimensões*, n. 13, p. 46-50, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2376/1872>. Acesso: 06 fev. 2023.
- ASSUNÇÃO, Maria da Penha. *Hoje tem Bakhtin? Tem sim, senhor!* 1. ed. Vila Velha- Espírito Santo: Editora Aksan, 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Iara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987 [1965].
- BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2003. p. 367-392.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 13-70.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTINIANA, Revista de Estudos do Discurso. v. 9, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/issue/view/1255>. Acesso: 20 jan. 2023.
- BARONI, José Francisco. Arte circense: A magia e o encantamento dentro e fora das lonas. *Pensar a Prática*, v. 9, p. 81-99, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/download/126/1488?inline=1>. Acesso em 03 jan. 2023.
- BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 61-80.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 2, p. 43–66, 2013. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- BRAZINOV, Piotr Afasinovitch [pseudônimo]. Bakhtin: finalmente toda a verdade aparece!!! In: *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Grupo de Estudos dos Gêneros Discursivos (GEGe-UFSCar). São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 11-18.
- BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. *Bakhtine démasqué, Histoire d'un menteur, d'une escroquerie et d'un délire collectif*. Genève: Droz, 2011.
- CAMPOS, Haroldo; MENEZES, Luís Carlos. *Diálogos Impertinentes – O acaso*, 20 jun. 1995. 1 vídeo (95 min 26 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eAexnQYN9qo>. Acesso em: 05 jan. 2023.
- CAMPOS, Haroldo. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- COELHO, Marília; MINATEL, Roseane. Circo: a arte do riso e prática da reconstrução social. *Revista Tópos*, v. 5, n. 1, p. 203–230, 2011. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2278>. Acesso em: 03 jan. 2023.
- MENEZES, Luiz Carlos. *Lições do acaso*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

NUNES, Everardo Duarte. Revisitando as “duas culturas”: novas perspectivas para as humanidades/ Defining Science Humanities: Special Issue. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 31, n. 01, e310135, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/HyjMxGcKlJFVwTmRVYygkYw/?lang=pt>. Acesso em: 07 jan. 2023.

SNOW, Charles Percy. *The Two Cultures and the Scientific Revolution*. London: Cambridge University Press, 1959.

SNOW, Charles Percy. *The Two Cultures: A Second Look*. London: Cambridge University Press, 1963.

SNOW, Charles Percy. *As duas culturas e uma segunda leitura*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza; Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Edusp, 1995 [Reimpressão 2015].

SOUSA JUNIOR, W. Mixórdia no picadeiro: circo, circo-teatro e circularidade cultural na São Paulo das décadas de 1930 a 1970. 2009. Tese (Doutorado) - Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-14092009-180741/publico/Mixordia\\_no\\_picadeiro\\_Walter\\_de\\_Sousa\\_Junior.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-14092009-180741/publico/Mixordia_no_picadeiro_Walter_de_Sousa_Junior.pdf). Acesso em: 03 jan. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

#### **CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA**

**BB:** Conceptualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita – análise e edição;  
**MVC:** Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita – análise e edição.